

RELATO DE EXPERIÊNCIA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E INTERVENÇÃO ÉTNICO-RACIAL COM A OBRA “A PELE QUE EU TENHO”

Maria Clara de Almeida ¹

Poliana Bruno Zuin ²

Maria Iolanda Monteiro ³

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar a vivência de uma intervenção pedagógica realizada no Colégio de Aplicação Universitária da UFSCar, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), junto a uma turma da Educação Infantil, composta por crianças de quatro anos. A atividade teve como eixo temático a diversidade étnico-racial, sendo conduzida a partir da leitura do livro *A pele que eu tenho*, de bell hooks. A fundamentação teórica apoiou-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2000), que enfatiza o desenvolvimento infantil através da mediação social e nas concepções de Bakhtin (1997), que considera a linguagem como prática interacional e constitutiva do sujeito. Para o embasamento das discussões étnico-raciais, recorreu-se a autores como Nilma Lino Gomes (2003). A metodologia adotada foi a contação de histórias como prática mediadora, seguida de rodas de conversa e de expressão artística e visual. Como resultado da proposta, as crianças foram convidadas a realizar auto-retratos, utilizando diferentes misturas de tintas para representar a tonalidade de pele mais próxima à sua. A atividade mostrou-se potente na promoção de uma educação sensível à diversidade e ao respeito às diferenças, destacando a importância da inserção de práticas anti-racistas no cotidiano escolar desde os primeiros anos. Ressalta-se, ainda, o papel do PIBID como espaço formativo que favorece a articulação entre teoria e prática, enriquecendo e fortalecendo o olhar crítico e o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora.

Palavras-chave: Educação infantil, contação de história, diversidade étnico-racial.

INTRODUÇÃO

A abordagem das relações étnico-raciais no ambiente escolar é uma prática pedagógica indispensável na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua identidade e do respeito à diversidade. Contudo, reconhecer a obrigatoriedade desta prática é um marco ainda recente nas políticas educacionais brasileiras. Em 2003, foi sancionada a lei n. 10.639/2003, que

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, clara.de.almeida17@gmail.com;

² Doutora e Mestre em Educação - PPGE - pela Universidade Federal de São Carlos, professora do Colégio de Aplicação Universitária. E-mail: polianazuin@ufscar.br;

³ Professora Associada do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), membro do Grupo Horizonte (UFSCar). E-mail: mimonteiro@ufscar.br.





institui no currículo da educação oficial a "História e Cultura Afro-brasileira", por meio da inclusão dos artigos 26-A e 79-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Brasil, 2003), e foi ainda complementada em 2008, pela lei n. 11.645/2008, com a alteração do artigo 26-A, incluindo também a história e cultura dos povos indígenas (Brasil, 2008). Assim, apesar do respaldo legal, a efetivação dessas diretrizes continua representando um desafio na prática docente, exigindo o rompimento com paradigmas culturais e institucionais historicamente excludentes. Nesse sentido, o presente relato de experiência tem por objetivo descrever uma proposta pedagógica voltada à temática étnico-racial, desenvolvida com crianças de quatro anos, durante uma inserção realizada por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Colégio de Aplicação Universitária, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A experiência compreendeu desde o planejamento até a execução da atividade, que proporcionou ricas trocas entre as crianças e as graduandas envolvidas.

A proposta foi inspirada na leitura do livro *A pele que tenho*, de bell hooks, que discute de forma sensível e poética a questão da cor da pele e sua relação com a identidade. A escolha desta obra partiu da compreensão de que, desde a infância, crianças negras e indígenas enfrentam o apagamento de suas referências e vivências. A leitura convida à valorização da subjetividade, revelando que a identidade vai além da aparência e está ligada às histórias, sentimentos e experiências de cada um e cada uma.

Após a leitura e a roda de conversa sobre as diferentes tonalidades de pele, as crianças verbalizaram compreensões como “cada um tem uma origem”, demonstrando sensibilidade e consciência inicial sobre a diversidade. Em seguida, foi realizada uma atividade de auto retrato, utilizando espelhos e telas, onde os(as) alunos(as) puderam explorar tons variados de marrom, bege e suas misturas, buscando representar com fidelidade suas próprias características. Ao final, os retratos foram expostos e reconhecidos entre si pelas características próprias de cada colega, revelando não apenas o engajamento com a proposta, mas também um fortalecimento da autoimagem e da valorização do outro.

A proposta foi embasada nas contribuições de Bakhtin (1997) e Vygotsky (2000), que compreendem o desenvolvimento humano como um processo mediado pela linguagem, pela interação social e pelo diálogo. Para esses autores, o aprendizado ocorre na relação com o outro, sendo a mediação pedagógica essencial na construção de significados. Para Vygotsky, “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível





social, e depois, no nível individual” (Vygotsky, 2000, p.101). Assim, a interação com os colegas e com o(a) professor(a) torna-se essencial na internalização de novos conhecimentos e na construção da identidade. De forma complementar, Bakhtin ressalta que “é na interação dialógica com o outro que o sujeito se constitui” (Bakhtin, 1997, p.122). A linguagem, nesse contexto, não é um simples instrumento de comunicação, mas uma forma de relação com o mundo, de alteridade e de construção de sentidos. A roda de conversa e os autorretratos, portanto, funcionaram como práticas dialógicas em que as crianças puderam dizer sobre si e ouvir sobre o outro, constituindo-se como sujeitos de suas histórias. Assim, o diálogo estabelecido com as crianças durante a leitura e as atividades proporcionou um espaço de escuta, reflexão e construção de sentidos sobre suas identidades.

Em diálogo com essa perspectiva, Gomes (2003) afirma que a identidade negra — e, por extensão, a indígena — é construída social e historicamente, sendo a escola um espaço fundamental para a afirmação (ou negação) dessas identidades. A autora destaca a importância de políticas afirmativas, da valorização das culturas afro-brasileira e indígena, e da construção de uma identidade positiva que resista ao silenciamento e à desvalorização histórica. Em seu livro *Diversidade, identidade e racismo na educação: desafios para a prática docente*, Nilma Lino Gomes afirma que:

A educação para as relações étnico-raciais é um processo educativo que se volta para a transformação das práticas pedagógicas excludentes, para o combate ao racismo, para a valorização da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, indígenas e da diáspora africana. Ela é também uma educação que implica uma nova postura ética, política e pedagógica dos sujeitos, instituições e sistemas educacionais diante das desigualdades étnico-raciais. Exige o rompimento com o mito da democracia racial, o enfrentamento da invisibilidade dos negros e indígenas nos currículos escolares e a adoção de práticas de ensino que valorizem a diversidade étnico-racial como princípio formativo. (Gomes, 2012, p. 32)

Assim, os resultados da experiência demonstraram que, mesmo na Educação Infantil, é possível e necessário desenvolver práticas pedagógicas que problematizem o racismo, valorizem a diversidade étnico-racial e estimulem a construção de uma autoimagem positiva. Através de uma abordagem sensível, dialógica e estética, as crianças puderam reconhecer a si mesmas e aos colegas como sujeitos únicos, o que evidencia o potencial transformador de práticas educativas comprometidas com os princípios de uma educação antirracista, promovendo o reconhecimento e o respeito à diversidade étnico-racial como parte fundamental da formação.





METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência, com abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A experiência foi realizada no Colégio de Aplicação Universitária, envolvendo uma licencianda do curso de Pedagogia em processo de formação docente. O objetivo principal da metodologia adotada é descrever, de forma sistemática e reflexiva, os caminhos trilhados para a construção e execução de uma proposta pedagógica voltada à abordagem das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

A proposta do PIBID pressupõe a participação ativa dos bolsistas nas práticas pedagógicas escolares, permitindo-lhes atuar desde o planejamento até a execução de atividades, sempre com o acompanhamento da professora supervisora da escola e da professora orientadora do subprojeto. A ideia inicial de abordar o tema da diversidade étnico-racial surgiu da professora orientadora do PIBID, Maria Iolanda, e foi integrada ao planejamento anual da professora supervisora, Poliana, que havia estruturado um projeto interdisciplinar voltado ao estudo de diferentes culturas, incluindo a cultura africana e dos povos originários.

Segundo Bakhtin (1997), a literatura é um espaço privilegiado de diálogo, que provoca o leitor a se posicionar, a interpretar e a dialogar com os valores expressos no texto. Nessa perspectiva, o primeiro passo para pensar a proposta foi encontrar uma literatura que abordasse o assunto de forma sensível e coerente com o contexto. Foi fundamental nesse processo, a formação realizada em dezembro de 2024, pela professora e pesquisadora Ayodele Floriano Silva, sobre “Literatura Infantil e Educação das Relações Étnico Raciais”.

Após a escolha do livro de literatura infantil, que serviu como disparador para a abordagem do tema, foram elaboradas estratégias pedagógicas que integrassem os fundamentos teóricos aprendidos ao longo da formação acadêmica com a realidade da escola. A proposta foi organizada em quatro etapas articuladas: 1) Leitura da obra escolhida; 2) Roda de conversa com as crianças, promovendo o diálogo e a escuta ativa sobre o tema; 3) Atividade de autorretrato, na qual as crianças puderam se representar com base em suas características, observadas através de um espelho; 4) Exposição das produções no espaço escolar, como forma de valorização da expressão artística e da diversidade.





RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da experiência foi sistematizada a partir das formações, do acompanhamento da prática pedagógica e das produções das crianças durante as atividades desenvolvidas. A partir dessa coleta, foram construídas duas categorias de análise e interpretação dos resultados.

Aproximação sensível ao tema das relações étnico-raciais

A primeira categoria refere-se à maneira como as crianças reagiram e se envolveram com a proposta pedagógica centrada na leitura literária sobre diversidade étnico-racial. Do ponto de vista teórico, o uso da literatura infantil como recurso pedagógico se sustenta em Vygotsky (2000), que entende a linguagem como instrumento mediador do desenvolvimento cognitivo e da construção de significados. Assim, a leitura literária, ao oferecer situações simbólicas e enredos de identificação, potencializa a formação de conceitos e o desenvolvimento do pensamento crítico. Para o autor, o contato com a linguagem rica e carregada de sentido, como é o caso da literatura, favorece o avanço na zona de desenvolvimento proximal, especialmente quando ocorre em contextos dialógicos mediados pelo educador.

Complementando essa perspectiva, Bakhtin (1997) nos lembra que toda palavra é carregada de vozes sociais e ideológicas. A literatura, nesse sentido, não é apenas um texto a ser decodificado, mas um território de vozes diversas, onde os sujeitos entram em contato com múltiplos discursos e são convidados a dialogar com eles. A roda de conversa realizada após a leitura revelou justamente esse movimento.

Essa escuta ativa e o espaço de fala proporcionado pelas atividades corroboram as análises de Nilma Lino Gomes (2003), que defende a importância de se abordar as relações étnico-raciais desde os primeiros anos da escolarização, como forma de combater o racismo estrutural e promover uma educação antirracista.

Assim, a escolha de uma obra sensível, coerente com a faixa etária e com o contexto social da turma, permitiu uma aproximação espontânea ao tema. Durante a roda de conversa, observou-se que os estudantes identificaram aspectos de suas vivências pessoais, como aparência física e sentimentos sobre cor de pele, cabelo, família e pertencimento, promovendo



um rico processo de significação, a partir da narrativa lida, pontuando de formas positivas as diferenças entre eles.

Representações identitárias e autorreconhecimento

A atividade de auto retrato, etapa posterior à roda de conversa, revelou elementos importantes do processo de autorreconhecimento das crianças. Ao ver seu reflexo através do espelho, as crianças puderam observar suas características físicas, mas, como o autorretrato não é uma atividade simples para a faixa etária, a mediação docente foi imprescindível para a realização da atividade.

Ao se observar e pedir a representação, não foi exigido apenas que a criança visse suas características, mas colocamos em prática uma realidade cultural: as diferentes nuances nos tons de pele. As crianças foram incentivadas a misturar diferentes cores até chegar aquela que mais se aproximasse à sua. O mesmo foi feito com a cor dos olhos e do cabelo. A textura desse também foi apontada - cabelos lisos representados mais retos e cabelos cacheados com suas respectivas curvas. As imagens abaixo ilustram algumas obras produzidas pelas crianças.

Figura 1- Registro da atividade de auto retrato



Figura 2 - Registro da atividade de auto retrato



Figura 3 - Registro da atividade de auto retrato





Figura 4 - Registro da atividade de auto retrato



Figura 5 - Registro da atividade de auto retrato

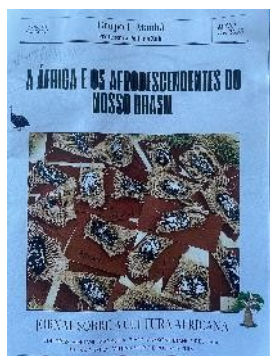


Figura 6 - Registro da atividade de auto retrato



Figura 7 - Produto final do projeto interdisciplinar: Jornal sobre a cultura africana.





Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Essa produção espontânea e cuidadosa se alinha às discussões de Nilma Lino Gomes (2003), que defende a importância de propostas educativas que permitam às crianças negras e indígenas reconhecerem-se como sujeitos dignos, belos e pertencentes ao ambiente escolar. Ao proporcionar um espaço onde cada criança pudesse representar a si mesma de forma livre, acolhida e respeitada, a atividade rompe com a lógica da homogeneização estética muitas vezes presente na educação infantil, onde padrões eurocêntricos são naturalizados. A escuta ativa e o respeito às escolhas visuais das crianças tornaram-se, nesse contexto, atos pedagógicos profundamente significativos, pois sinalizam que seus corpos, cabelos, traços e cores são reconhecidos e celebrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho evidenciou a potência formativa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na construção de práticas pedagógicas críticas e sensíveis. Ao possibilitar a inserção de uma licencianda no cotidiano escolar, com acompanhamento teórico e prático, viabilizou-se o desenvolvimento de ações concretas voltadas à promoção da discussão das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

As atividades, desenvolvidas com as crianças aqui descritas, revelaram-se não apenas como momentos didáticos, mas como atos pedagógicos intencionais, que promoveram o reconhecimento da diversidade, o fortalecimento da autoestima e o exercício do diálogo como prática formativa, reforçando a tese de Gomes (2003) de que a escola deve ser um espaço de visibilidade positiva para os sujeitos historicamente marginalizados.

A inserção reafirma a relevância de fundamentos como os de Vygotsky (2000), ao defender a mediação como chave para o desenvolvimento, e de Bakhtin (1997), que





compreende a linguagem como campo de encontro de vozes diversas. A articulação entre teoria e prática demonstrou que a literatura, quando mobilizada de forma intencional e crítica, é capaz de promover processos educativos que transcendem a reprodução de conteúdos, abrindo espaço para a formação ética, estética e política das crianças.

A partir dos resultados obtidos, torna-se evidente a necessidade de ampliar a presença de práticas pedagógicas voltadas à educação das relações étnico-raciais nos currículos escolares e, sobretudo, na formação docente. É fundamental que professores em formação sejam incentivados a desenvolver propostas que dialoguem com as realidades culturais de seus estudantes e que enfrentem o racismo com mediações intencionais, ancoradas pela dialogicidade, de forma pedagógica.

Dessa forma, este relato contribui com evidências sobre a eficácia de práticas educativas antirracistas desde os anos iniciais da escolarização, destacando a importância de pesquisas aplicadas que integrem ensino, formação e compromisso social. Além disso, aponta-se a necessidade de novos estudos que investiguem os efeitos de ações similares, em diferentes contextos educativos e que aprofundem o diálogo entre literatura, identidade e diversidade na escola.

Em suma, o presente trabalho reafirma a urgência de se pensar uma educação mais representativa, dialógica e humana, capaz de reconhecer todas as infâncias e de garantir, desde cedo, o direito de cada criança a se ver, se expressar e se afirmar no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação.

Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>





_____. Diversidade, identidade e racismo na educação: desafios para a prática docente. Cadernos SEPPIR, v. 4. Brasília: SEPPIR, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2000.

